

Agón como geração e crescimento

Gilvan Luiz Fogel

RESUMO

Agón, entendido *grosso modo* como *luta, combate (pólemos, éris)* será caracterizado, inicialmente, sem nenhuma conotação de ordem política, social ou moral, mas, sim, desde o ponto de vista vital-existencial ou ontológico. Luta, combate, entendida(o) como uma confrontação regida por transcendência, isto é, a abertura vida/existência, que se definirá como relação arcaico/originária. A natureza ou o modo de ser de relação será esclarecido e tal relação mostrar-se-á em si e por si como uma tensão, que é luta de contrários, de opostos. Esta luta é geradora e promovedora de identidade ou de próprio (e não destruição, aniquilação), isto é, de essência. A esta geração essencial chamar-se-á também crescimento, no sentido de agravamento, intensificação vital – vida ascendente ou nobre, aristocrática. Nisso e assim harmonia. E é isso mesmo o profenômeno vida, entendida como existência humana e nada, inicialmente, de cunho biológico ou biogenético.

PALAVRAS-CHAVE

Agón; geração; crescimento; luta; combate.

1 Traduz-se *ágon* por *luta, combate*. Mas isso é o que diz também *éris* – *luta, combate, disputa*. Há ainda *pólemos*, a guerra, “o pai (ou a mãe!) e o senhor (ou a senhora!) de todas as coisas” e que se mostra também como a grande “harmonia invisível”, tal como se lê, por exemplo, nos fragmentos 53 e 54, de Heráclito, respectivamente.

Grosso modo e, portanto, sem considerar distinções e sutilezas, certamente cabíveis, vamos ver tudo isso (*ágon, éris, pólemos*, luta, conflito, combate, guerra, disputa) como variações e entonações de um único e mesmo fenômeno, que denominaremos luta, combate. A luta, o combate, que tem, no fundo, desafio, provocação. Na verdade, que é tal desafio, tal provocação, que, por sua vez, instauram uma *confrontação*. E este fenômeno, como um todo, perfaz um modo de ser, uma *essência*, que é eminentemente *geração, gênese*. Geração, gênese, que definem o horizonte vida, a dimensão existência. Enfim, o *lugar* ou a *casa* do homem.

Primeiramente, cabe ressaltar que a fala de luta (de combate, de disputa, de guerra, de conflito), pelo menos de imediato, não se faz, por exemplo, desde o ponto de vista sociológico, político ou moral, mas sim vital-existencialmente, isto é, desde uma perspectiva de fundamento ou ontológica. E o que quer dizer isso? Trata-se de considerar e expor o fenômeno em questão (luta-combate-guerra) como constitutivo da própria vida, da própria existência. Algo, pois, na *raiz* da vida. Na raiz, ou seja, em questão está a descrição e a caracterização de um modo de ser que constitui a própria gênese de vida – sua gênese ontológica ou sua *forma elementar*. Assim, em se falando vital-existencialmente de luta-combate-guerra, estar-se-á falando de geração do que, em si e por si, é gerar, a saber, a vida, a qual é, da qual participa a existência humana. Em questão, portanto, está gênese de gênese ou a própria vida da vida. E, quando se faz isso, está-se fazendo filosofia, está-se filosofando. É o que está dizendo nosso título “*Agón* como geração e gênese”.

Uma segunda observação prévia, como consequência da primeira, refere-se ao fato que a luta, o combate, aqui em questão, não é briga, briga de foice ou de rua, pancadaria, onde vale tudo para submeter, mais, para destruir ou aniquilar o oponente, o *inimigo*. Sobretudo isso: não se trata de luta ou de combate que visa, que só quer destruir, aniquilar. Não é, pois, um engalfinhamento de tal modo

encarnizado que se mostra movido e promovido pela sanha da destruição, da aniquilação, por exemplo, à Calígula – destruir, destruir, pois seu ofício é destruir, aniquilar, assim como aqueles “vermes gordos”, lá do *Dom Casmurro*, cap. xvii, que diziam “nós não sabemos o que roemos, não escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos: nós roemos”. É do ofício! Esta sanha de roer, de destruir e de aniquilar é movida e promovida por uma outra dimensão perversa e horrível da vida, da existência, que é o ódio e que se identifica com o próprio mal. Este é o *mau combate*, e não é esta, aqui, a questão.

2. Luta, combate – uma situação de confrontação. Tentemos visualizar este fenômeno – esta situação.

Um frente ao outro. Um diante do outro. Um, do lado de cá; o outro, do lado de lá. Será isso? Será assim? Como, desde onde um se põe para o outro e o outro para o um? Como, desde onde acontece confrontação?

Confrontação é uma relação. Na confrontação, um se relaciona com o outro – e o outro com o um! E como é, como se dá relação? É na forma de um ser para o outro, sendo um do lado de cá e o outro do lado de lá, cada qual já dado e pronto, à maneira de termos, polos, *relata*? Ou será que isso, a saber, termos, polos, *relata*, é *coisa* posterior, tardia, epígona? Distração, cochilo?! Seria a relação *como tal* o que já teria se dado, acontecido e, então, possibilitado (aberto) que, na e como confrontação, um seja para o outro e o outro para o um, na aparente e enganosa forma de polos, termos, *relata*?! Seria a relação *como tal* o acontecimento que sempre já se deu, que sempre já se fez, que sempre já aconteceu ou se abriu?

Relação *como tal*? *Algo* que sempre já se deu, já aconteceu? De que realmente se está falando? O rodeio, o circunlóquio é grande demais? Na verdade, a fala é de círculo. De círculo e de salto. De círculo, de salto e, *então*, de súbito. A fala é de Heráclito, o mestre, o grande mestre do combate, da luta – de *pólemos*, de *éris*, p. ex., nos fragmentos 51, 53, 54, 64, 80.

3. “O raio dirige todas as coisas que são”, diz o fragmento 64. O raio, isto é, o *de repente*, o *súbito*, o *i-mediato*. Súbito, imediato, diz igualmente *salto*. Portanto, o súbito, o imediato ou o salto conduz,

quer dizer, dirige em acompanhando, percorrendo e perfazendo, em perduração de essência e de gênese, todas as coisas, tudo quanto há e é. Tudo quanto há e é – todas as coisas, *cada* coisa – é o que é e como é, se mostra ou aparece súbita ou i-mediatamente, ou seja, desde e como salto *ou a-byssalmente*. Súbito, salto, é *arché* – melhor, *arché* dá-se, faz-se desde e como salto, subitamente, de repente, *a-byssalmente*. Desde salto, desde *a-byssso*, isto é, desde e como nada. Um fundo sem nenhum fundo, sem nenhum fundamento. Pura irrupção. Pura doação.

E isso, a saber, o súbito, o salto, o abissal, define círculo, circularidade. Como? Círculo, circularidade é uma *imagem* para caracterizar uma *situação* ou um modo de ser que não é e não tem imagem nenhuma e que marca o homem, a vida ou a existência humana, assim como tudo que é e há *como e desde inserção*. Ou seja, quando se vê, quando se dá conta, já se vê ou já se dá conta *desde dentro* deste próprio modo de ser – ou ver. Aliás, só por isso, *só graças* a isso ou a este modo de ser, a saber, inserção ou circularidade,¹ vê-se, dá-se, aparece, acontece. O ver, o acontecer, o aparecer ou dar-se, a fala, o discurso – tudo isso é sempre já *desde dentro* ou *a partir de*, ou seja, não é *de fora*, no sentido do *desinteressado, apático, objetivo, neutro*. Enfim, não é *sobre*, não é *coisa*, *ação* de sujeito.

4. Luta, combate, dá-se, faz-se desde e como confrontação. Confrontação é relação, uma relação. E relação é um acontecimento da mesma ordem, da mesma índole ou do mesmo *pedigree* (gênese) do súbito, do salto, do círculo. Ou seja, relação é, dá-se, faz-se subitamente, *i-mediatamente*, e, então, é ou *tem* a forma (= gênese ontológica) de círculo, de circularidade, ou seja, de envolvimento, comprometimento ou inserção. Logo, então, não é nada da ordem ou da estrutura sujeito X objeto, quer dizer: um, do lado de cá; outro, do lado de lá, tais como termos, polos, *relata*, previamente dados ou já constituídos. Não. Não é assim.

Por outro lado, a relação *como tal*, isto é, a relação em si mesma, enquanto e como pura relação ou na sua pura constituição formal – esta é a relação que não há, que não se dá, que não acontece, que jamais vai se encontrar. É mesmo a relação que *jamais* pode haver, acontecer, dar-se ou ser *encontrada*. Relação, toda e qualquer, tal como tudo que é humano, vital, já é sempre com e como um teor, com e

como uma têmpera – com e como um *miolo, tutano*. Castiçamente – não, escolarmente se diz: sempre já concretamente e só concretamente, com um conteúdo, com uma carga ou uma textura ontológica. O miolo, o tutano, o concreto ou a textura ontológica (= *experiência*) na relação que é a confrontação na/da luta, do/no combate, *é justo o que está em questão na luta, no combate ou na disputa*, quer dizer, é a própria *coisa* ou a própria *causa* na/da/em disputa.

5. No começo é, era a palavra, o sentido, a força, a ação? Sim, é até tudo isso, conquanto que tudo isso seja ou se faça desde e como *relação*. Arcaico-originariamente, *lógos, arché*, é sempre já relação. Relação, relação nela mesma ou como tal, é o *espaço*, o *âmbito*, melhor, a *abertura*, que sempre já se deu ou aconteceu para que os relacionados possam ser/aparecer uns para os outros e os outros para os uns – por isso, um acontecimento arcaico-originário. Assim sendo, a relação não se dá, não se faz desde ou a partir dos termos (polos, *relata*), mas sempre já e somente desde ou a partir da própria relação, da própria abertura inaugural (o súbito, o salto, o *i-mediato*), isto é, desde ou a partir somente do *espaço* (= abertura) ou *âmbito* (= abertura) que *precisa já ter se cavado ou se feito* (acontecido, aberto), para que os chamados polos ou termos se relacionem, *possam* se (inter)relacionar. O cochilo, a distração, a *queda* ou a *decadência* constitutiva da vida *apaga* a força da relação nela mesma e *acende* os termos, os polos. Originariamente, arcaicamente, não há termos ou polos. Há, dá-se uma *tensão*, que possibilita e sustenta que um seja para o outro e o outro para o um. A tensão é o *entre* do/no *inter*-relacionamento. A tensão, enquanto e como este *entre* (“inter”), é a fonte, a gênese, a origem, o *elemento* sempre a (re)originar-se, a auto-re-generar-se. O desfazer-se da tensão, o *afrouxamento do arco*, faz com que se instaurem termos e polos. Portanto, a ou uma tensão é o que constitui, que perfaz a identidade ou o próprio de cada *membro*, de cada *termo* ou *polo*, segundo o olhar dos distraídos, “dos que dormem”, diria, diz Heráclito (frag. 34 e 73). Tensão irrompida dos, *desde* os contrários, mas que, ao mesmo tempo, *antes*, os *sustenta e já os pôs como tais*, assim como na *diferença*, que é “o movimento do arco e da lira” (frag. 51). A diferença conduz, leva um para o outro e o outro para o um e esta *relação se sustenta na tensão e como tensão*, que se autorrevigora, que se revitaliza. Assim, pois, acontece ou dá-se, na confrontação, na luta ou no combate, o

embate, melhor, o encontro dos contendores, dos combatentes. Assim, num tal embate ou encontro, cada combatente vem a ser o que é, torna-se o que pode e o que precisa ser em seguindo, em atendendo o desafio, a provocação. A luta, o combate, fazendo-se, desenrolando-se desde e como desafio ou provocação, se faz gênese, geração de cada um dos contendores, dos combatentes. A força de cada um está no outro, brota, irrompe e aparece desde ou a partir do outro, e, por sua vez, um e outro são à medida que se entregam e atendem ao *chamado*, ao desafio ou à provocação da luta mesma, do próprio combate – *a relação irrompida*, instauradora e inauguradora de um e de outro litigante, combatente. Isso acontece no pugilato, na tourada. Acontece na cunhagem da obra de arte, na luta, na confrontação com a *matéria* ou com a própria *coisa* (= causa) em questão. Acontece na cunhagem, na *formação* do texto filosófico, do poema – Cabral de Melo Neto, p. ex., aprendendo do toureiro ou do ferreiro, de *Manolete* ou do *Ferrageiro de Carmona*.² Isso acontece na escalada do Everest, no percurso de uma maratona. Acontece sempre e igualmente “moendo no aspr’o”, que é o pão nosso de cada dia.

6. Na praça pública de Éfeso, P. e H. se enfrentam num combate. Um pugilato. É uma luta na praça, na rua, mas não é briga de rua. É um combate de gigantes. Uma gigantomaquia. Heráclito, calçando as sandálias de praxe, canônicas, sentado num banco, que é um velho tronco ressecado, um cepo de tília, barba ruiva e rala, olhar meio de fauno, meio de querubim, comendo, à guisa de chicle ou de iguaria, alcaparras da redondeza (as alcaparras, dizem, aliviavam os sintomas de sua hidropisia),³ mastigando um queijo de cabra e tomando vinho (copo forjado em chifre de bode, reza a fonte), assiste a peleja. Começa com P. no ataque. H. defende. Desafiado, P. cobra de si, se aplica, se empenha e, assim, melhora, *crece*. H. também desafiado, e porque P. melhorou, cresceu, aprimorou-se ou apurou-se, precisa igualmente cobrar de si, aplicar-se, empenhar-se e, então, melhora, apura seu desempenho – *crece*. A situação se inverte – agora, H. ataca, P. defende e o jogo de desafio/provocação vai se repetindo, se retomando, se revertendo e se invertendo, assim se revitalizando ou revigorando, se refazendo e deste modo vai se desenrolando a luta, o combate, e, cada qual centrado no combate (*a relação*, que se abriu e colocou um para o outro e o outro para o um) e por ele levado, vai

crescendo mais, apurando-se mais, vindo, cada qual, a ser mais o que é, o que deve e precisa ser – o seu próprio ou a sua identidade de lutador, de guerreiro. A identidade, o próprio, a *essência* de cada qual vai se revigorando, se revitalizando, e, a cada passo, se fazendo mais nítida, mais evidente, se tornando mais necessária, *mais destino*. Cada qual, em melhorando, em crescendo, em se apurando, vem a ser mais e mais o que é, o que precisa ser. *Aparece* mais. *Faz-se mais visível no seu próprio, na sua identidade – na sua essência ou verdade (alétheia)*. Essência é o próprio movimento de vir a ser o que é, o que precisa ser ou tornar-se. Essência é gênese – é *coisa* se fazendo *coisa, coisando-se!* Aparecendo, fazendo-se visível, isto é, revelando-se ou se fazendo verdade (*alétheia*). E isso é crescer como intensificar-se, clarear-se, evidenciar-se. Na luta, no combate, cada qual, *desde o outro*, provocado e levado pelo outro, ambos promovidos pelo desafio, pelo combate como tal (a *relação*, que é *agón* e igualmente *pólemos, éris*) – assim, cada qual, pois, cresce e se apura numa verdadeira *ascese*, num autêntico exercício (ação) de cultivo da *forma*, em esforço ou empenho *atléticos* pela conquista da forma. Cresce, intensifica-se ou tonifica-se até aquele ponto, quando se diz, por exemplo, do atleta: “está em forma”. Isto é, *nos cascos* (!), veio todo à luz, à superfície, fez-se todo pele, mostrou-se todo – compacto, inteiro e inteiriço. Na verdade, agravou-se, isto é, tornou-se mais *grave*, mais *intenso* – intensificou-se todo. Encheu-se, acumulou-se – fez-se *perfeito*, ou seja, *todo feito ao longo e através de. Entelécheia*. É, sim, uma tensão – uma tensão vital. E é isso mesmo a *harmonia* dos contrários, *nos* ou *desde* os contrários. Assim e só assim é preciso ouvir-se, entender-se *serenidade*. Uma luta, melhor, uma *tensão*, tal como uma *natureza morta*, isto é, um *Stilleben*, uma *vida serenada*.

Crescer, crescer *mais*; agravar-se ou intensificar-se *mais*. Este crescer *mais e mais*, este agravar-se e intensificar-se *mais e mais* não é, porém, *i-limitado, in-finito*. Ao contrário, *tem, é* limite. Sem ser *limitação*. *Tem, é* o limite, que é o próprio combate, a própria *coisa* ou a *causa* em questão, e o limite, igualmente, de cada contendor. Justo este limite é a força e a cumulação, a *perfeição* ou o perfazimento – o fazer e crescer *ao longo de* (= caminho) e, assim, *com-crescer* e fazer-se *concreto*. Este é o *método*. No limite, pelo limite, graças ao limite, a plenitude, a *perfeição* (= perfazimento), na tensão vida-morte, no sentido que é, que veio a ser tudo que *pode* e, então, *precisa* ser. Limite, *péras*, é

cumulação, perfeição, quer dizer, a linha-limiar onde o que é vem a ser ou faz-se todo isso que é. Limite, *péras*, assim, é o *lugar* e a *hora*, de tudo que é e há. De novo e assim, neste caminho e como caminho, *entelécheia* – *perfeição*, isto é, *todo feito ao longo e através de*. O *método*. E harmonia, *serenidade* – na tensão, como e *graças* à tensão da ação, do fazer, que é luta.

Esse encontro, esta confrontação P. x H. foi, é um *grande combate*. *Grande*, quer dizer, essencial, radical, desde ou a partir da própria coisa. *Grande*, aqui, diz o mesmo que limite, que *lugar* e *hora* certos. Por isso, revelador, mostrador de próprio, de identidade, de *essência* – de *verdade*, vista e ouvida desde e como *alétheia*. Assim e por isso, exercício de liberdade. Livre (aberto) *nisso, para isso*.

Por fim, Heráclito, que assistiu ao combate, levantou-se do velho cepo de tília, tomou o último gole de vinho, atçou o chifre de bode descartável numa lixeirinha próxima (Éfeso já cobrava o descartável e já tinha lixeirinhas nas ruas e praças), e disse: “Por Zeus! Pelas barbas do profeta! *Hipotenusa! Alétheia! Heúreka! Heúreka!* Realmente, a guerra, o *pólemos*, é o *pai de todos*.” Perguntaram: “não seria o *fura-bolo* ou, antes, o *mata-piolho*?” “Não”, retrucou enfático, “é ele mesmo o pai e o senhor de tudo e de todas as coisas. Com o raio e o *lógos*, constitui-se no *mesmo*. Tudo é este um – *cheio, inteiro, inteiriço, compacto, maciço*. E, se há necessidade – e há! –, é a guerra, que reúne, e a justiça, que desune, e tudo, que se fizer pela desunião, é também necessidade – justiça, *Díke. Alétheia! Heúreka! Hipotenusa! Evoé!*” (frag. 53, 64, 50 e 80, respectivamente).

7. No combate e a partir do combate, este *vir a ser o que é*, tornar-se o próprio ou a identidade (conquistar isso!), é vida como geração e gênese. Desconcertante, paradoxal (*coisa* de salto e de círculo): desde essência, a partir de essência (= próprio, identidade) – geração e gênese de identidade, de próprio, de *essência*, que é *ente, coisa*, vindo a ser a *coisa*, a saber, *o ente, a coisa que é*. Fazendo-se, gerando-se. E isso, este modo de ser, não é uma coisa, um estado de fato, nada mensurável em quilos, metros ou, sendo força, em algum dinamômetro. Antes, em sendo um modo de ser, mostra-se como uma tensão, uma tensão ou uma *têmpera* (um tempero!) *vital*. A tensão promovedora e sustentadora da diferença. É isso que se quer dizer com agravar-se, crescer, intensificar-se, *apurar-se*. Como dito, crescer quer, aqui, dizer

agravar-se, tornar-se ou fazer-se mais grave, no sentido de mais intenso, mais *agudo*. De novo, lembrando Cabral, mais *espesso*. Tudo que vive é agudo, mais agudo; espesso, mais espesso.⁴

Este *mais*, portanto, não é quantitativo, somativo, aglutinante. Mas ele fala justamente deste agravamento, desta intensidade e intensificação a caminho do limite e, já a cada passo, a cada ato levado, conduzido pelo limite – e isso, justamente isso fala o *crescer*, o *crescimento*. Crescer, o crescimento vital, existencial, é esta intensificação, este *apuro* – mais agudo, mais espesso, isto é, mais compacto, inteiriço, *maciço*.⁵ Ao se falar de crescimento e de crescer, enquanto e como agravamento e intensificação, portanto, nada tem a ver com gordo e engorda, com fofo e balofo. Ao contrário, neste crescimento se emagrece. Torna-se, fica-se mais magro, mais fino, mais sóbrio, mais econômico (engorda, flacidez é *inflação*) – *mais simples*. Mais *conciso*. “A intensidade exige concisão”, diz, intensa e concisamente, Francis Bacon⁶. Alma seca é a melhor (frag. 118).

Luta, combate (*agón, pólemos, éris*) é *ascese*, é exercício de, para *apuro* – crescimento, intensificação, *agudização, espessamento*. Vida ascendente. De novo, é isso mesmo *essência*, enquanto e como *gênese, geração*. De identidade, de próprio. A luta, o combate, neste sentido vital-existencial, permite, *possibilita a auto-apropriação*, que é outro nome para o vir-a-ser, o tornar-se o que se é, o que se *precisa* ser.

8. Recapitulando e fechando. Luta, combate, enquanto e como uma confrontação, é uma relação que tem a forma (= gênese ontológica), o teor de uma *tensão*. Tensão não se dá, não se faz a partir de termos, polos, mas justo, *porque* tensão, a partir do encontro sempre já acontecido, aberto (por conta de salto, súbito, imediato), disso que o entendimento comum e distraído chama de termos, polos. Se esta tensão se desfaz, se o “arco afrouxa”, então, nascem os polos, os termos, os *relata* – e desfaz-se o desconcertante e o paradoxo do círculo. Então, tudo fica, torna-se *natural* – causa *e* (+) efeito, antecedente *e* (+) conseqüente, agente *e* (+) paciente. Linha reta infinita. Na luta, no combate, o contendor não está interessado propriamente em si, não olha para si, mas propriamente vê e interessa-se pela luta ou pelo combate como tal (a *coisa* ou a *causa*, que, como relação arcaico-originária, se abriu e colocou os contendores um para o outro, o outro para ao um, frente a frente), que se desenrola, efetiva

ou concretamente, desde a presença do outro, do adversário – daquele que, em tensão e luta e em se opondo, vem ao seu encontro. Isso, assim no desafio, na provocação, faz com que um e outro venham a ser, cada qual, isso que é – irrompe, vem à tona o próprio ou a identidade de cada qual, desde ou a partir do *outro*, da diferença. Na/ desde a provocação, no/ desde o desafio, o outro (a diferença) faz o um vir a ser o que é, em cobrando ou exigindo de si, em se *apurando*. Assim cresce, se faz geração e gênese – a luta, que é a vida. Isso e assim a verdadeira harmonia, a autêntica serenidade.

Neste movimento, *processo*, de *crescimento* (intensificação, agravamento, *espessamento*) aparece, cresce, faz-se visível a própria vida, o próprio modo de ser, por cuja via a vida, aqui e agora, se realiza, se concretiza. A identidade, o próprio de vida e de cada um, de cada qual dos contendores. Este mostrar-se, este fazer-se visível é isso mesmo o movimento de verdade fazendo-se verdade, desde que por *verdade* se entenda o movimento ou o *crescimento* de *alétheia*, isto é, de desencobrimento, de revelação, a dinâmica e o jogo do fazer-se visível – aparecer, mostrar-se. Vida é aparecer, mostrar-se. E isso acontece desde e como aberto, *livre para...* o combate, a luta, reveladores, instauradores, *libertadores*. A luta é, igualmente, realização, concretização de liberdade. O homem é *mártir* – *testemunho nisso, disso, para isso*.

E: por quê? Para quê? Por nada, por *causa* de nada. Para nada. É. Há. Dá-se. Faz-se. Como as flores do campo, como os pássaros do céu! Inutilmente. Vida é pura, *absoluta* gratuidade. Luta, combate – *agón, éris, pólemos* –, aparecer, iluminar-se, fazer-se visível. Por nada, para nada. Pura doação. De graça. Gratuito. *Absolutamente* gratuito. Aí e assim a beleza – o jogado, o irrompido em *perfeita e boa* floração de ipê. Amém.

Petrópolis, 10 ago. 2014

ABSTRACT

Agón as Generation and Increase

Agón, that would be understood *grosso modo* as fight, battle (*pólemos*, *éris*), will be characterized, initially, without connotation of political order, social or moral, but rather from point of view vital-and-existential or ontological. Fight, battle, that would be understood as a confrontation governed by transcendence, i.e., the overture life/existence, that will define itself as relation archaic/ original. The nature or the manner of to be of relation will be clarified and such relation will show into itself and by itself as a tension, that is fight of contraries, of opposites. This fight is generator and promoter of identity or of itself (and don't destruction, anihilation), i.e., of essence. This essential generation will be named also increase, in the sense of aggravation, vital intensification – ascendant life or noble, aristocratic. In that and so harmony. This it is the proto-phenomenon life, that would be understood as human existence and nothing, initially, of character biological or biogenetic.

KEYWORDS

Agón; generation; increase; fight; battle.

NOTAS

¹ O *graças a* é a *causa*. Por outro lado, esta forma ou esta estrutura súbito-salto-circulo-inserção é o princípio, o fundo sem fundo de *afeto* (*páthos*) ou *experiência*. Esta forma ou estrutura é a própria luz *no/do* ver, surgir, aparecer. Não é o caso, porém, aqui e agora, de formular e desenvolver este tema.

² Cf. J.C.M. Neto, *Alguns Toureiros*, em *Paisagens com Figuras* e *O Ferrageiro de Carmona*, em “Crime na *Calle Relator*”.

³ A fonte destas informações, meio insólitas, é Diógenes, o Cínico – e não o Laércio, que não era cínico.

⁴ Cf. J.C.M. Neto, *O cão sem plumas*, parte IV, *Discurso do Capibaribe*.⁵ De passagem, em trânsito, uma observação: é isso e assim, me parece, o que fala Hölderlin com “Innigkeit” (também Rilke!) e que é *tema*, *questão* de Heidegger. Costuma-se traduzir “Innigkeit” por “intimidade”. Não me parece bom, face às conotações – *interioridade*, que seria “Innlichkeit”. Creio que o sentido é este de intenso, enquanto e como agudo, espesso, e estes como o compacto, o inteiriço, o *maciço*. Tipo de, com *miolo*, *tutano*, *têmpera*. É isso a *força*, o *tônus vital*, a *vitalidade*. *Thymós*. Hölderlin diz que “Innigkeit” é “Tiefe des Herzens und des Geistes”, isto é, “profundeza do coração e do espírito”. Profundeza – intensidade vital. Coração? Ou tripa? Ou *colbão*?! Não, o chulo, se chulo, não é meu, não sou eu. Para o sentido, a procedência e o *direito* da pergunta e da insinuação, ver Cabral de Melo Neto (e sua *discussão* com Neruda!), *España en el corazón*, em *Agrestes*.

⁶ Cf. SYLVESTER, 1995, p. 176.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Alexandre. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

NETO, João Cabral de Melo. **Crime na calle Relator**: Sevilha andando. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

_____. **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. **Agrestes**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1995.